

EALR0269

Todo dia é dia de Mr. Sting



Está de volta a Brasília o príncipe encantado da Anistia e aprendiz de feiticeiro dos índios do Xingu. Sting chega com Raoni para desmentir conflitos com o cacique Paiakan

Ana Luzia Silveira

Está de volta a Brasília o megastar Sting, depois de uma passagem tumultuada pela Amazônia onde, segundo o jornal *O Estado de São Paulo*, teria se desentendido com as lideranças do encontro de Altamira que ganhou atenção em todo o mundo. O roqueiro inglês chegou ontem à tarde, manteve-se longe da imprensa e nem mesmo os assessores da Funai tinham certeza sobre sua chegada. Hoje, às 11h30 da manhã, Sting estará ao lado do cacique Raoni e de outras lideranças indígenas na sede da Funai, onde vai falar à imprensa. Sting, ao que se sabe, deverá desmentir a notícia sobre seu suposto desentendimento com o cacique Paiakan, e manifestar seu desagrado pela forma com a qual *O Estado de São Paulo* tratou sua visita ao Xingu.

Ferroadas

Se já é possível responder ao velho refrão "quem é ele, este tal de rock'n'roll?", é hora de perguntar "quem é este tal de Sting?" Sting, no inglês — ferrão, no nosso tupi/português. Espécie de príncipe encantado da era eletrônica que troca carruagens pelos spots e pelas batidas fortes do contrabaixo. Roqueiro, um dos mais badalados dos últimos poucos anos: símbolo sexual capaz de causar frisson em pelo menos três diferentes gerações; e, mais do que nunca, um novo símbolo dos movimentos pacifistas e ecológicos.

Depois de aparecer à frente dos concertos promovidos pela Anistia Internacional, semana passada voltou a emprestar nome e imagem à luta das lideranças indígenas em Altamira, contra a construção da Usina Kararaó, ou Belo Monte como tenta driblar a Elettronorte. Foi uma aparição polêmica, elogiada num dia e discutida no outro, quando tentaram forçar um possível desentendimento entre o roqueiro e o cacique Paiakan.

Mas, afinal, quem é Sting? Um pequeno exercício de memória e mesmo um rápido mergulho pela sua obra musical revela um currículo de marcadas posições políticas, letras ritmadas pela denúncia social e baladas instrumentais com contrapontos tribais. Sting, é, em outras palavras, um roqueiro que vai à luta, e até mais que isso... Quem é ele?

Ferroadas é coisa que Mr. Gordon Mathews Summers aprendeu a fazer desde que, literalmente, levou a primeira, num dos shows que apresentava nos bares de Londres e ainda era um ilustre desconhecido.

A partir daí ele abandonou o nome de batismo (nem sua mãe o chama de Gordon) e adotou o codinome Sting. Com o seu ferrão e o baixo, se juntou a Andy Summers, guitarrista, e Stewart Copeland, baterista, formando o *Police*, que os cariocas tiveram a sorte de ver no Maracanã, em 80, ou seja, dois anos depois de o trio ter lançado o primeiro disco: *OutLands D'Amour*.

Neste primeiro LP, há músicas inesquecíveis que, até hoje, Sting executa sozinho, como *Roxanne*. *Can't Stand Losing You* é outra que integra o disco de estréia, e ambas, assim como mais dez de outros LPs do *Police*, foram regravadas em 86, depois de a banda já ter se desfeito.

Mas antes de cada *Police* ter seguido seu caminho, eles lançaram em 79 *Reggatta De Blanc*, com *Message In A Bottle*, *Walk On The Moon*, *On Any Other Day* (uma das poucas que Sting não compôs, e sim Stewart Copeland) e *Bring On The Night*, que depois virou título do segundo disco solo de Sting.

Não demorou muito também para que a banda, liderada por uma espécie de príncipe encantado do fim do século XX, lançasse *Zenyatta Mondatta*. Isso aconteceu em 80, ano em que eles estiveram aqui no Brasil, com canções como *Don't Stand So Close To Me* e outra bastante executada nas rádios: *De Do Do Do De Da Da Da, Drive To Tears* também integra o LP.

Ghost In The Machine é o quarto disco da banda, onde não faltam canções com letras políticas como *Spirits In The Material World*, *Demolition Man*, *One Word (Not Three)* também gravada no seu primeiro disco solo — e *Every Little Thing She Does Is Magic*.

O último disco da banda surge em 83. *Synchronicity* é considerado pela crítica o melhor disco do *Police*, que encerrou com chave de ouro sua curta trajetória, através de músicas



Divulgação

como *Every Breath You Take*, *King Of Pain*, *Tea In The Sahara*, *Synchronicity I* e *Synchronicity II*.

Solo

A fase solo de Sting começa em 85, quando ele lança *The Dream Of The Blue Turtles* (*O Sonho das Tartarugas Azuis*), que é chamado pela crítica como o disco onde é forte a influência do jazz. *If You Love Somebody Set Them Free*, *Love Is The Seventh Wave*, *Russlans* e *We Work The Black Seam*, onde fala sobre o duro trabalho dos mineiros, fazem parte do disco.

Além destas, o LP conta também com a música título do disco, uma canção instrumental indicada para ganhar o *Grammy* na categoria de jazz. *Moon Over e Bourbon Street*.



Jorge Cardoso

Paiakan com Sting no Xingu: os líderes estão em paz?

O FERRÃO POLÍTICO DO ROC'N'ROLL

Eles dançam sozinhos (Gueca Solo) — trechos —	Espíritos Num Mundo Material	Frágil
Por que essas mulheres estão aqui dançando sós Por que essa tristeza em seus olhos Por que esses soldados estão aqui Com faces geladas como pedras?	Não há solução política Para nossa problemática evolução Não tenha fé na Constituição Não há revolução sangrenta	E amanhã a chuva levará O sangue que a luta deixou detramar Na pele a dor do aço tão cruel Jamais a nossa voz vai calar
Elas dançam com los desaparecidos Elas dançam com los muertos Elas dançam com amores invisíveis...	Nós somos espíritos num mundo material	Um ato assim pode acabar Com uma vida e nada mais Porque nem mesmo a violência Destroi ideais
Hey Mr. Pinochet É dinheiro estrangeiro que sustenta você Um dia essa grana para de chegar Não haverá orçamento para torturas Não haverá verba para armas Você pode pensar em sua própria mãe Dançando com seus filhos desaparecidos? Elas dançam com os desaparecidos Elas dançam com os mortos... A angústia delas é calada... Elas dançam sós elas dançam sós	Nós somos espíritos num mundo material	Tem gente que não sente Que o mundo assim Frágil frágil demais
	Ande é que a resposta mente? Vivendo o dia-a-dia Se isto é algo que não podemos comparar Deve haver outra maneira	Choro eu e você E o mundo também, e o mundo também Choro eu e você Que fragilidade, que fragilidade (Frágil está gravada também em português)

O registro deste LP se dá em 86, quando sob o nome de *Bring On The Night*, Sting faz uma turnê pela Europa, que é gravada ao vivo.

Com *Bring On The Night*, o dono das ferroadas relança velhos sucessos do *Police*, só que com outros arranjos: a própria música-título da turnê e, consequentemente do disco, é executada em novo arranjo, assim como *When The World Is Running Down You Make The Best Of What's Still Around*, *Drive To Tears*, *Demolition Man* e *Tea In The Sahara*.

A última ferroadas de Sting em disco veio em 87, com *Nothing Like The Sun*, ocasião em que ele começou sua turnê internacional nos estádios de futebol brasileiros, e nem o Mané Garrincha escapou. Para as apresentações brasileiras, ele teve o cuidado de traduzir para o português *Frágil*, música que compôs motivado pela morte de Ben Linder, um engenheiro americano morto naquele ano pelos *contras*. São dele estas palavras: "No tempo atual está difícil distinguir lutadores da liberdade democrática de bandidos políticos, traficantes de drogas ou trabalhadores do corpo da paz de marxistas revolucionários. Ben Linder foi morto em 87, por um *contra*, como resultado desta confusão".

Nothing Like The Sun conta também com *Englishman In New York*, que ele escreveu para um amigo que mudou-se de Londres para Nova Iorque, quando mal acabara de completar 70 anos. "Ele foi morar num pequeno apartamento alugado no Bowey, numa época da vida em que a maioria das pessoas já sossegou para sempre. Uma vez ele falou durante um jantar que estava aguardando os seus documentos de naturalização, a fim de que pudesse cometer um crime sem ser deportado. Que tipo de crime, eu perguntei. Bem, algo de glamour, não violento, com um toque de estilo, respondeu. Afinal, nos dias de hoje é tão raro um crime glamour".

Já a história de *They Dance Alone* tem tudo a ver com os desaparecidos do Chile e, na execução no disco, Sting conta até com a colaboração do chileno Rubem Blades, que canta os versos em espanhol. E é o dono das ferroadas quem explica: "Na turnê da Anistia em 86, os músicos foram apresentados a antigos prisioneiros políticos de todo o mundo. Esses encontros tiveram um impacto muito grande sobre nós. Uma coisa é ler sobre tortura, mas falar com uma vítima leva você a um patamar mais próximo da realidade. Ficamos profundamente afetados. Milhares de pessoas desapareceram no Chile".

Sting explica ainda que quando fez *They Dance Alone*, procurou reprodutir a "gueca", uma dança tradicional no Chile. A "gueca solo" ou solo de dança é apresentada nas ruas pelas viúvas, filhos e mães dos desaparecidos e eles constantemente dançam portando fotos de seus parentes. "É um gesto simbólico, de protesto e luto", define o compositor, que interpretou *They Dance Alone*, quando participou do show em homenagem a Nelson Mandela, em Londres.

Sting resgatou neste seu último disco uma velha canção de Jimi Hendrix. *Little Wing* aparece no LP com participação de Gil Evans. *The Jimi Hendrix Experience* foi uma das primeiras bandas que vi. Eu tinha 15 anos e acabava de comprar *Hey, Joe*, o primeiro compacto de Hendrix. Ele estava se apresentando no Clube Go-Go, em New Castle. Eu nunca tinha escutado nada parecido e suponho que nunca escutarei", diz.

Nothing Like The Sun traz de volta também Eric Clapton. Ele e o outro guitarrista, Marc Knopfler (Dire Straits) estão no disco assim como seu ex-companheiro do *Police*, Andy Summers, que, com sua guitarra, executa *Be Still My Beating Heart*.

Não é de hoje, então, que Sting dá suas ferroadas. Já fez isso, em disco e em shows pela anistia, para libertação de Nelson Mandela e outros temas engajados. Os índios brasileiros já são seus velhos conhecidos. Afinal, em 87, quando se apresentou no Brasil, ele deu uma chegada no Xingu, onde até se pintou com urucum. O ferrão de Mr. Gordon atinge a todos, principalmente as fêmeas, que se deliram com aqueles olhos azuis e cabelos louros, próprios de um bretão que há muito tempo deixou Londres para descobrir o mundo.